

Para Moody's, País permanece vulnerável e muito endividado

Mudança da perspectiva 'estável' do rating B2 não está sendo cogitada

FERNANDO DANTAS

RIO – O Brasil é um país excessivamente endividado, e apesar do “trabalho razoável” da equipe econômica do presidente Luiz Inácio Lula da Silva até agora, a Moody's não cogita em mudar a perspectiva ‘estável’ do rating soberano do País, que está em B2, cinco degraus abaixo do nível de “grau de investimento”, e seis degraus abaixo do rating do México.

A declaração foi dada ontem ao **Estado** por Vincent Truglia, diretor-executivo e chefe da unidade de risco soberano da Moody's, uma das duas mais importantes agências de rating do mundo. O rating B2 corresponde aproximadamente a um risco de default de pouco menos de 20% ao longo de 4 anos. “Es-

tamos confortáveis com a perspectiva ‘estável’ do rating do Brasil”, disse Truglia, que considera que uma forte redução da taxa real de juros no Brasil é fundamental para a queda consistente do risco do País. E isto, para ele, depende de que os investidores nacionais se tornem confiantes na solidez fiscal do Brasil no médio prazo.

O diretor da Moody's observou que a dívida externa brasileira fechou 2002 em um nível equivalente a 303% da receita de exportações do País, e deve ficar em 285% em 2003, nas projeções da agência. No México, esta razão está em 89%. “Este indicador é muito alto no Brasil, para padrões internacionais”, disse o executivo.

Para o analista, a economia brasileira continua vulnerável a choques, e o governo terá que manter uma forte dose de austeridade fiscal por vários anos. “O problema é que eu não sei quanto tempo a população brasileira vai querer viver sob um regime de austeridade tão inten-

so”, comentou Truglia.

Para ele, mesmo com a política econômica de Lula revelando-se melhor do que o esperado, “muitos fatores estão totalmente fora do controle do governo”, como o crescimento global, as taxas de juros internacionais e o preço do petróleo.

Truglia disse ser preciso que os investidores brasileiros adquiriram uma forte confiança de que a situação fiscal do governo é sólida no médio prazo: “A dívida pública doméstica está na mão dos investidores nacionais, e são eles que reagem primeiro, e depois são seguidos pelos investidores externos”.

Se fosse possível fortalecer aquela confiança, os juros reais do Brasil poderiam ter uma forte queda. “Os altos juros reais são um grande fator negativo no caso brasileiro”, disse Truglia. Basicamente, eles impedem o crescimento em um ritmo vigoroso, o que o executivo classifica como “a forma menos dolorosa de se reduzir o pe-

so da dívida”. Ele compara a taxa real de juros brasileira, de mais de 10% anuais, com a mexicana, que está abaixo de 5%.

No cenário mais provável de uma vitória relativamente rápida dos Estados Unidos contra o Iraque, Truglia acha que o Brasil não será muito afetado. Porém, se a guerra se prolongar, a economia brasileira será afetada por menor crescimento mundial; maiores juros internacionais (para financiar o déficit americano com os gastos militares); alta do preço do petróleo; e redução do apetite por títulos brasileiros.

A grande virada da conta corrente brasileira em 2002, para Truglia, não é a solução para os problemas econômicos brasileiros, porque o País tem uma economia muito fechada, como os Estados Unidos e o Japão. Ele acha que a virada no setor externo não é suficiente para recolocar o Brasil na trilha do crescimento rápido, o que depende essencialmente da queda dos juros reais.

MÉXICO
ESTÁ SEIS
DEGRAUS
ACIMA